

Comitê Olímpico Brasileiro

*Trabalhando pela
transformação*



Comitê Olímpico Brasileiro

*Trabalhando pela
transformação*



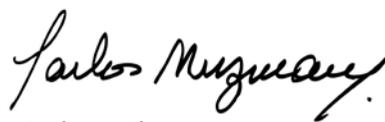


O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) vem trabalhando intensamente pelo desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil. Nos últimos anos, o COB imprimiu um novo modelo de gestão na entidade, que vem sendo aperfeiçoado a partir de modernos conceitos de administração e executado com profissionalismo e qualidade de seu corpo técnico.

A conquista da sede dos Jogos Olímpicos Rio 2016 abriu excelentes perspectivas para acelerar esse desenvolvimento esportivo em nosso país. Temos metas bem-definidas, como a de colocar o Brasil entre os dez primeiros países no quadro geral de medalhas em 2016. Estamos cientes da responsabilidade, do compromisso e do desafio de tornar essa meta uma realidade para o esporte olímpico brasileiro. Mais do que isso, estamos construindo um caminho sólido para que o legado dos Jogos Olímpicos Rio 2016 seja potencializado nos Jogos de 2020, 2024 e assim por diante.

Com esta publicação, queremos que você conheça as atividades atuais do COB e o que está sendo feito para alcançarmos os objetivos traçados. Vivemos uma nova era no esporte brasileiro, e queremos compartilhar com você essa longa caminhada na busca de tornar o Brasil uma potência olímpica.

Saudações Olímpicas!



Carlos Arthur Nuzman
PRESIDENTE DO COB



Gerações olímpicas

6

Do sonho à realidade

16

Construindo conquistas

30

Estrutura afinada

46



Mayra Aguiar

Judoca alcançou a liderança
do ranking mundial em 2012.

Gerações olímpicas



Thiago Pereira passou a ser o maior medalhista de ouro do Brasil em Pan-americanos, com vitórias na última edição dos Jogos nos 200m e 400m medley, 200m costas, 200m peito, 4x100m e 4x200m livre.

O esporte brasileiro vive um momento muito especial ao se preparar para a construção de um resultado histórico, que visa colocar o país no rol das grandes potências olímpicas em 2016. Nesse cenário, o trabalho rigoroso e de longo prazo conduzido pelo Comitê Olímpico Brasileiro, especialmente voltado à moderna preparação de atletas, terá um momento chave de avaliação, que se dará durante os Jogos Olímpicos Londres 2012. Programado para julho, o evento deverá receber cerca de 10.000 competidores em 40 modalidades e seguramente terá um significado extra para o esporte brasileiro. No foco das atenções, estarão não só os atletas mas todo o Brasil: como o Rio de Janeiro será a próxima sede dos Jogos, o Rio 2016™ será apresentado pela primeira vez ao mundo na ocasião dos Jogos em Londres.

A tarefa de estruturar os Jogos e realizá-los com o mais alto padrão de qualidade e excelência já cabe ao Comitê Organizador Rio 2016™. Já o compromisso de formar um time dos sonhos está a cargo do Comitê Olímpico Brasileiro, em parceria com as confederações esportivas, obedecendo a critérios que envolvem estratégia, transparência e elevado rigor técnico para revelar um time vitorioso: a geração 2016. Tudo sem perder de vista a necessidade de trabalhar pela manutenção de um legado sustentável, que permita ao Brasil manter bons resultados e, ao mesmo tempo, assegurar o uso continuado de toda a infraestrutura esportiva que está sendo montada para receber os atletas.

Quadro geral de medalhas (5 primeiros colocados) – Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011

PAÍS	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Estados Unidos	92	79	63	234
Brasil	48	35	58	141
Cuba	58	35	43	136
México	42	40	50	132
Canadá	29	40	49	118

20

lugar no quadro
geral de medalhas

De 2010 para cá, foram muitos os avanços obtidos nas etapas preparatórias e de acompanhamento de potenciais medalhistas. O Brasil vai comparecer aos Jogos com uma delegação composta por cerca de 250 esportistas. Muitos deles garantiram vaga para as competições da 30ª Olimpíada no segundo semestre de 2011, durante os Jogos Pan-americanos de Guadalajara. No México, o Brasil ficou com o segundo lugar no quadro total de medalhas e com a terceira posição, se forem considerados apenas os ouros conquistados. Independentemente do critério de análise, o importante é que o Brasil saiu do evento como um dos três maiores do esporte nas Américas.

Num contexto em que se observa uma disputa cada vez mais acirrada entre o segundo e o quinto lugares na classificação geral dos Jogos Pan-americanos e que se comprova a distribuição das medalhas mais e mais pulverizada, o resultado brasileiro foi considerado muito expressivo pelo COB. O Brasil garantiu em Guadalajara 24 das 93 vagas que levam aos Jogos de Londres e que estavam sendo disputadas por 42 países. O aproveitamento brasileiro (26%) atendeu plenamente à expectativa do COB e foi tomado como uma confirmação do acerto das decisões tomadas de três anos para cá, como um passo concreto rumo à estabilidade, no que se refere à manutenção e evolução de índices e marcas em cada modalidade.



Em Guadalajara, o país obteve sua melhor participação em edições de Jogos Pan-americanos fora de casa: 277 dos 515 atletas do Time Brasil conquistaram medalhas. Foi computado um resultado histórico com 141 medalhas, sendo 48 de ouro, 35 de prata e 58 de bronze. Os brasileiros atingiram um patamar técnico de alto nível, que vem crescendo desde Winnipeg 1999 e que tem entre suas características a marca da pluralidade esportiva. Em Guadalajara, foram obtidas medalhas em 35 modalidades.

Reinaldo Colucci e
Rosângela Santos:
ouros em Guadalajara.

Resultados Time Brasil Guadalajara 2011

515
atletas

ATLETAS
MEDALHISTAS **227**

MODALIDADES
MEDALHISTAS **35**

44
modalidades
disputadas

Mesmo tendo enfrentado disputas duras e de altíssimo nível técnico ao longo das competições em Guadalajara, os atletas demonstraram maturidade e profissionalismo. Juntaram-se a esportistas consagrados como Hugo Hoyama, do tênis de mesa, muitos novos jovens talentos. Alguns despontaram nas Olimpíadas Escolares (OE) e, agora, ajudaram a construir o excelente resultado do Time Brasil, confirmando que o investimento na base de atletas viabiliza conquistas no médio prazo e é fundamental para avançar no ranking esportivo.

Rosângela Santos, a mulher mais rápida dos Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011, campeã nos 100m e no revezamento 4x100m, integra esse grupo de jovens brasileiros que estão entrando em cena para mudar a história. Na edição das OE de 2008 (edição de 15 a 17 anos), ela ganhou dois ouros, nos 100m e nos 200m. Desde então vem chamando atenção por suas performances. No México, a corredora mostrou disposição para entrar na pista e corresponder integralmente às apostas que vêm sendo feitas em sua carreira. Situação semelhante pôde ser vista com Bianca Mendonça, 17 anos, medalhista nas Olimpíadas Escolares de 2010 que ajudou a equipe brasileira de ginástica rítmica a faturar o ouro na competição de Guadalajara, superando o Canadá, tradicional rival do Brasil.



Nos esportes coletivos, o aproveitamento foi de 73% com a conquista de medalhas no basquete (feminino), handebol (feminino e masculino), vôlei (feminino e masculino), futebol (feminino) e polo aquático (feminino e masculino). Três esportes mantiveram o número de medalhas do Rio 2007: natação, atletismo e judô. Já cinco modalidades superaram as conquistas de quatro anos atrás: tiro esportivo, ginástica artística (no masculino, pela primeira vez na história dos Jogos Pan-americanos, os brasileiros conseguiram o ouro na competição por equipe), ginástica rítmica, levantamento de peso e triatlo.

O suporte oferecido pelas Confederações e o apoio de patrocinadores, somados à liderança firme do COB, trazem reflexos que foram observados com clareza na competição realizada no México e que, certamente, terão desdobramentos importantes em Londres.

Resultados em esportes coletivos

MEDALHAS EM DISPUTA	MEDALHAS CONQUISTADAS	MEDALHAS POR MODALIDADE
11	8	VÔLEI 2
		HANDEBOL 2
		POLO AQUÁTICO 2
		BASQUETE 1
		FUTEBOL 1





Medalhistas de ouro em Guadalajara, **Ana Luiza Ferrão** e **Hugo Hoyama** estão classificados para Londres 2012.

Entre atletas e toda a delegação que foi a Guadalajara, houve uma inédita percepção de qualidade e excelência. E esse mesmo sentimento se estendeu para o público em geral, que passa a ver o Time Brasil mais forte, associando bons desempenhos à imagem de um país que deseja comunicar novas mensagens por meio do esporte. Nos Jogos de Londres, os atletas – tanto os mais experientes quanto os mais jovens – terão enormes desafios para garantir lugar nas competições. Os tempos são de trabalho dedicado, de experimentar vitórias inéditas e visar o longo prazo, com benefício das gerações futuras e da conquista de resultados expressivos que efetivamente possam destacar o Brasil por seu valor esportivo múltiplo e diferenciado.



A **preparação técnica** de David requer 8 horas de treino por dia.

David Lourenço, paulista de 19 anos, é uma das grandes promessas desse grupo. Medalha de ouro no boxe nos I Jogos Olímpicos da Juventude Cingapura 2010, ele começou no esporte por influência do padrasto. Mais velho de três irmãos, morava em Guarulhos e, depois de se destacar em sua cidade natal, mudou-se para Santo André, no ABC paulista, onde foi descoberto pela Confederação Brasileira de Boxe (CBB). Em 2010, ganhou o Campeonato Mundial de Boxe Amador, na categoria juvenil, até 69 quilos, após vencer seis lutas consecutivas. Meses depois, conquistou o ouro olímpico em Cingapura.

Sonhando com novas vitórias, David vem intensificando sua rotina de treino. Como parte desse planejamento, mudou-se para São Paulo e divide uma casa pequena com outros atletas do esporte. Treina de segunda-feira a sábado, pela manhã e à tarde, alternando a preparação física com a tática. O jovem reconhece a importância da experiência adquirida ao longo dos últimos meses e o valor do suporte para treinamento assegurado pelo Comitê Olímpico Brasileiro por intermédio da Confederação Brasileira de Boxe.

Em 2011, surge um novo marco na formação de esportistas, conquistado com o fortalecimento de um trabalho inédito no país: o acompanhamento integral de atletas brasileiros. Nesse trabalho, desenvolve-se tanto a formação técnica do atleta em uma modalidade específica quanto sua preparação global, favorecendo diretamente o desenvolvimento de talentos.

A menos de cinco anos da abertura, no Rio de Janeiro, da maior competição esportiva do planeta e da concretização do desejo de um país inteiro, um rigoroso plano de ação é estabelecido. Caminha-se assim do sonho para a realidade.



A equipe de handebol conquistou a medalha de bronze nos Jogos de Cingapura.





Felipe Wu

Destaque no tiro
e medalha de prata em
Cingapura 2010.

*Do sonho
à realidade*

Atletas como Felipe Wu, do tiro esportivo, medalha de prata na prova de pistola 10m nos I Jogos Olímpicos da Juventude, sabem que serão muitos os passos até 2016. Aos 19 anos, Felipe inicia um curso universitário e está determinado a permanecer no esporte e viver as emoções dos Jogos Olímpicos em seu país. Seus pais praticavam tiro, e foi por vê-los empolgados com o esporte que Felipe se interessou pela prática da modalidade. Hoje, bem ciente das dificuldades de ser um atleta e dos altos custos envolvidos no cotidiano de treinos no tiro esportivo, ele diz que o fato de ter do COB um atendimento quase personalizado, voltado à melhoria de rendimento, levando-o a estar entre os potenciais medalhistas de 2016, é tão importante quanto sua paixão pelo esporte.

A exemplo do que é feito com Felipe Wu, outros atletas têm recebido acompanhamento mais assíduo, com o objetivo de transformar a preparação de alto nível em bons resultados. Há uma primeira meta a ser cumprida em Londres 2012, quando se pretende estabelecer um padrão de resultados que leve o Brasil a poder figurar, quatro anos mais tarde, entre as dez nações com mais medalhas olímpicas conquistadas.

Para atingir essa meta ambiciosa, o COB tem se cercado de especialistas que contribuem com sua *expertise*, apontando o que países líderes em vitórias olímpicas têm feito e como trabalham suas equipes. Já numa primeira avaliação, houve um consenso quanto à necessidade de investimento em dois pontos fundamentais: o primeiro deles é a instalação de centros de treinamento – encontrados em todos os países que são grandes potências esportivas; o segundo é o atendimento dirigido àqueles atletas que potencialmente têm chance de apresentar bom desempenho nas competições e garantir medalhas para o Brasil.

Meta 2016

Brasil entre as dez nações com maior número de medalhas



Em reunião de trabalho, Edgar Hubner, Marcus Vinicius Freire, Jukka Lahtinen, Peri e Jorge Bichara.

O COB conta hoje com a parceria de dois grandes consultores para esses assuntos. O finlandês Jukka Lahtinen é presidente da Associação Internacional de Centros de Treinamento para Esportes de Alto Rendimento (International Association of High Performance Sports Training Centers – IAHPSTC). Já atuou em diversos países e está assessorando a equipe de Gerência de Desenvolvimento na definição dos parâmetros de montagem do Parque Olímpico. O espaço vai funcionar na Barra da Tijuca, a partir do complexo que, por enquanto, reúne o Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo, administrados pelo COB desde 2008.

A intenção é que, com a experiência de Lahtinen, seja possível desenhar um primeiro uso do equipamento pelos atletas brasileiros, como um centro de alto rendimento, ao mesmo tempo em que se prepara a instalação esportiva para os Jogos de 2016. Ou seja, as prioridades do Time Brasil são levadas em conta na ordem das construções das instalações olímpicas. É um trabalho feito em conjunto pelo COB – futuro administrador das instalações para treinamento das seleções brasileiras até 2016 e do Centro Olímpico de Treinamento (COT) a partir de 2017 – e o Comitê Organizador, administrador das áreas de competições do Parque Olímpico durante os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016™.



As prioridades do Time Brasil são levadas em conta na ordem das construções das instalações olímpicas.

Fórmula do sucesso

- 1. Investimentos na preparação dos atletas e qualificação dos treinadores.*
- 2. Investimentos em centros de treinamento.*
- 3. Amplo trabalho de base desportiva.*
- 4. Profissionalização da gestão para programas de alto rendimento.*
- 5. Promoção das 40 modalidades olímpicas, com prioridades definidas.*

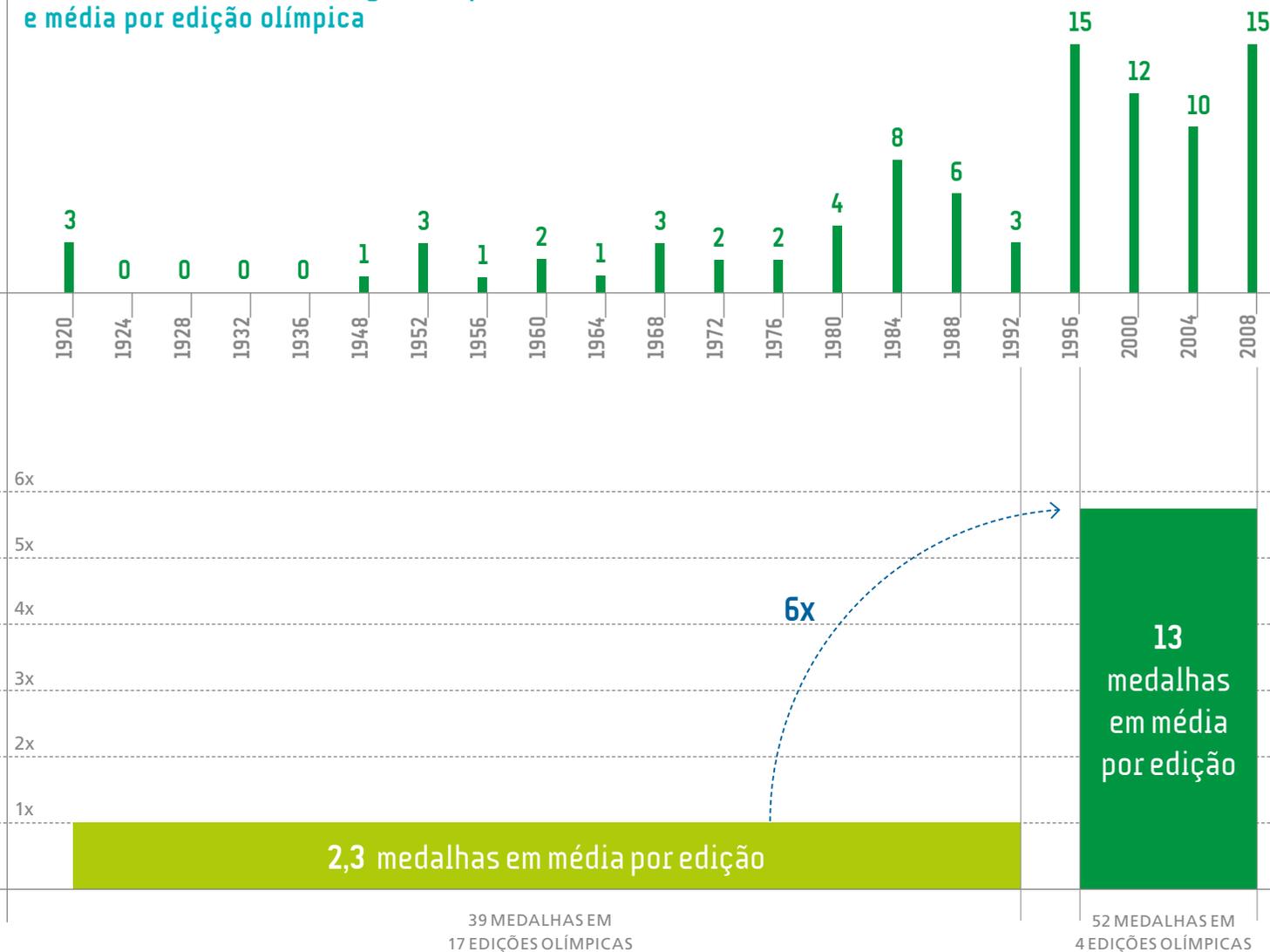


Também atuando como consultor do COB está Steve Roush, norte-americano com liderança conhecida no meio esportivo, ex-diretor de alta performance do Comitê Olímpico dos Estados Unidos (U.S. Olympic Committee – USOC) e responsável pelo sucesso do programa realizado pela delegação de seu país nas últimas edições olímpicas. Ele chega para contribuir diretamente no planejamento dos próximos ciclos olímpicos, com intuito de estabelecer excelência competitiva para o Brasil, com foco especial nos Jogos de Londres 2012 e Rio 2016™.

Em função do grande paradigma de transformação que serão as competições na capital carioca, o consultor trabalha para implementar modelos de sucesso consagrados que foram adotados em países como os Estados Unidos, adaptando-os à realidade brasileira, visando a um avanço grande o suficiente para que, em pouco tempo, o Brasil passe a ser tomado como referência por outros países.



Medalhas brasileiras nos Jogos Olímpicos e média por edição olímpica



Em todo esse processo, não se desconsidera a natural paixão do brasileiro pelo esporte. Mas, além dela, leva-se em conta a necessidade de assegurar um salto qualitativo, a partir da aposta do COB no valor de uma visão administrativa rigorosa e na profissionalização da gestão de programas de alto rendimento.

Nas últimas quatro edições olímpicas, o Brasil conquistou 52 medalhas, melhorando seu resultado geral ao obter mais conquistas que em todos os Jogos de que participou entre 1920 e 1992. Neste período foram promovidas 17 edições olímpicas, e os brasileiros obtiveram um total de 39 medalhas. Observando os números, é fácil perceber que a média de conquistas nos últimos anos foi mais de cinco vezes maior.

Ainda é preciso avançar mais rumo ao pódio e imprimir um caráter mais arrojado na condução da carreira de atletas de alto rendimento. Fazendo valer, com isso, o enorme potencial do Brasil num momento em que o país caminha para que o legado dos Jogos Olímpicos seja uma realidade não só em termos estruturais, urbanos e socioeconômicos, mas também no campo do esporte.

Na última edição dos Jogos Olímpicos, em Pequim 2008, o Brasil fez uma participação recorde em 41 finais olímpicas e obteve 15 medalhas, ficando em 17º lugar no ranking de medalhistas do evento.

O Comitê Olímpico Brasileiro vê com bons olhos esse resultado, que, comparado aos dos outros países, é muito representativo, especialmente quando se leva em conta o investimento feito por cada um deles. A Alemanha, por exemplo, fez um aporte de US\$1,9 bilhão e obteve 41 medalhas. O Brasil investiu US\$200 milhões e ganhou 15 medalhas.

EDIÇÃO OLÍMPICA	DISPUTA EM FINAIS	MEDALHAS
Pequim 2008	41	TOTAL 15 OURO 3 PRATA 4 BRONZE 8
Atenas 2004	30	TOTAL 10 OURO 5 PRATA 2 BRONZE 3
Sidney 2000	22	TOTAL 12 OURO 0 PRATA 6 BRONZE 6

86%

aumento do número de disputas

Em Pequim 2008, o Brasil disputou o maior número de finais de toda a sua história olímpica.

*Fabiana Murer:
campeã mundial
do salto com vara
em 2011.*

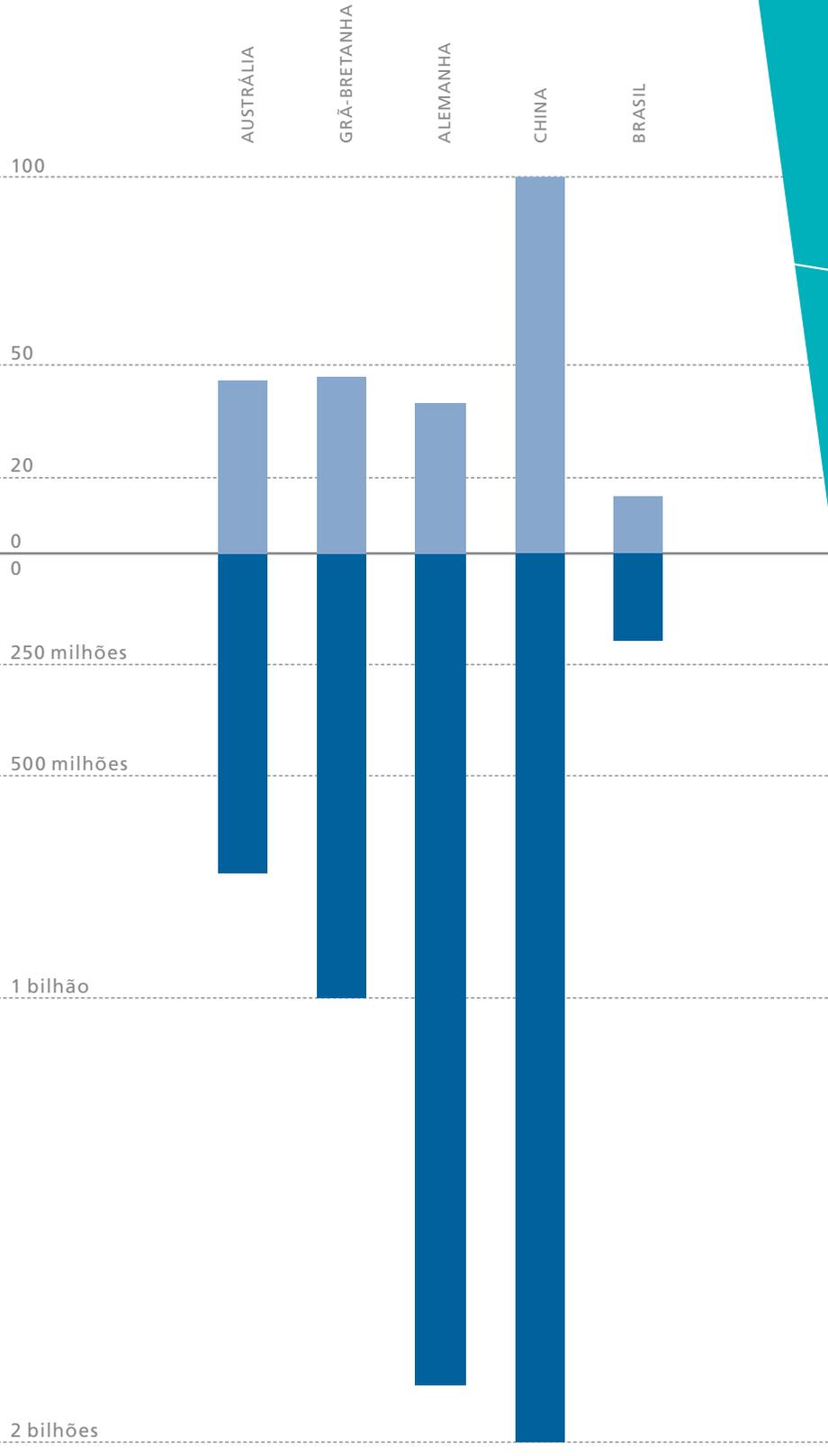




Investimentos Performance

« TOTAL INVESTIDO (2005-2008) EM US\$ «

» PEQUIM 2008 - NÚMERO DE MEDALHAS »



Com o bronze em Pequim 2008, **Isabel Swan e Fernanda Oliveira** se tornaram as primeiras mulheres medalhistas da vela brasileira.

Os números são representativos, mas funcionam apenas como orientação e não determinam o preço de uma medalha. Qualquer ideia nesse sentido pode ser precipitada, uma vez que por trás de um ouro, de uma prata ou de um bronze há todo um histórico e o tempo de formação e treinamento dos atletas. Ou seja, formar uma delegação de alto nível envolve investimentos pesados, mas devem ser considerados os aspectos humanos e gerenciais, que também interferem no resultado que um grupo de atletas venha a apresentar.

É sob essa perspectiva que o COB vê o cenário atual: o Brasil, apesar do trabalho competente nos últimos anos, ainda não tem condições de fazer parte já em 2012 ou em 2016 do grupo de nações na liderança do ranking olímpico, com mais de sessenta medalhas obtidas, mesmo que venha a contar com vultosos investimentos. É um dado de realidade do qual não se pode fugir.





Com o vôlei feminino
e Cesar Cielo, o Brasil
obteve ouros inéditos
em Pequim 2008.



Seguindo esse raciocínio, leva-se ainda em conta que há um segundo grupo de países que somam mais de 35 medalhas e menos de 60. Também é difícil entrar nesse de imediato. A meta objetiva e compatível com o atual grau de desenvolvimento do esporte brasileiro é brigar por um lugar no terceiro grupo mais forte, composto por países que ficam entre o 8º e o 12º lugares no ranking, de vinte a trinta medalhas conquistadas. Mesmo nesse time, ainda há pontos críticos: a disputa é mais acirrada entre o 8º e o 12º lugares, grupo dos adversários diretos do Brasil.

Um mapeamento foi feito pelo COB não só para conhecer de perto as atividades de preparação esportiva que estão sendo desenvolvidas por essas nações como também para identificar em que modalidades há concorrência direta com o Brasil. Essas informações já começam a ser comparadas com o quadro esportivo brasileiro e, a partir daí, cumpre-se o plano de ação, consolidando o conceito de trabalhar pela transformação.

Sidney 2000		Atenas 2004		Pequim 2008		GRUPOS POR NÚMERO DE MEDALHAS	RANKING	
PAÍS	MEDALHAS	PAÍS	MEDALHAS	PAÍS	MEDALHAS			
EUA	91	EUA	102	EUA	110	1º	1	
Rússia	88	Rússia	92	China	100		2	
China	59	China	63	Rússia	72		3	
Austrália	58	Austrália	49	Grã-Bretanha	47	2º	4	
Alemanha	56	Alemanha	49	Austrália	46		5	
França	38	Japão	37	Alemanha	41		6	
Itália	34	França	33	França	40		7	
Cuba	29	Itália	32	Coreia do Sul	31	3º	8	
Grã-Bretanha	28	Coreia do Sul	30	Itália	28		9	
Coreia do Sul	28	Grã-Bretanha	30	Ucrânia	27		10	
Holanda	25	Cuba	27	Japão	25		11	
Romênia	25	Ucrânia	23	Cuba	24		12	
Ucrânia	23	Holanda	22	Bielorrússia	19		<p><i>A meta do esporte brasileiro é um lugar no terceiro grupo mais forte e conquistar entre 20 a 30 medalhas.</i></p>	
Japão	18	Romênia	19	Espanha	18	13		
Hungria	17	Espanha	19	Canadá	18	14		
Bielorrússia	17	Hungria	17	Holanda	16	15		
Polônia	14	Grécia	16	Brasil	15	16		
Canadá	14	Bielorrússia	15	Quênia	14	17		
Bulgária	13	Canadá	12	Cazaquistão	13	18		
Grécia	13	Bulgária	12	Jamaica	11	19		
Suécia	12	Brasil	10	Polônia	10	20		
Brasil	12	Turquia	10	Hungria	10	21		
Espanha	11	Polônia	10	Noruega	10	22		
Noruega	10	Tailândia	8	Nova Zelândia	9	23		
						24		





Construindo conquistas

Joice Silva

*Destaque na luta tem
intensa rotina de treinamentos.*

É comum que a percepção de desempenho nos Jogos Olímpicos se dê por meio da contagem do número de medalhas conquistadas por um país. O COB concorda com esse tipo de avaliação, mas considera que não é o único parâmetro para medir a performance e reconhecer o valor de um time.

As medalhas são, na verdade, o resultado mais palpável obtido por uma delegação, mas a construção do sonho olímpico ou a transformação de um país em uma potência olímpica envolve muitos outros fatores, sendo o investimento no atleta o principal deles.

Nos últimos anos, visando à estruturação de um time de alta performance, o COB aumentou o número de participantes da delegação brasileira nos Jogos. Dentre outras medidas, ampliou o trabalho de base, buscando talentos de diversas modalidades em todo o país. Isso foi possível graças aos recursos da Lei Agnelo/Piva, de 16 de julho de 2001, que estabeleceu que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país seja repassada ao COB e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Com a instituição do normativo, o COB repassa recursos periodicamente às Confederações Brasileiras Olímpicas, conforme rigorosos critérios técnicos, possibilitando o planejamento de médio e longo prazo e a ampliação do trabalho de base executado pelas confederações.

Os recursos da Lei Agnelo/Piva têm tornado possível:

Planejar e executar projetos de desenvolvimento das modalidades esportivas.

Trabalhar o aprimoramento e o aperfeiçoamento de vários atletas e de jovens promessas.

Promover o treinamento continuado e específico de atletas no Brasil e no exterior.

Melhorar o nível técnico de várias modalidades esportivas no Brasil e chegar a conquistas nunca alcançadas.

Aumentar a participação de atletas e seus técnicos em competições nacionais e internacionais.

Cumprir o calendário de competições das Federações Internacionais em todas as modalidades.

Benefícios da Lei para as modalidades olímpicas:

Criar e manter Equipes Olímpicas Permanentes, oferecendo ajuda de custos aos atletas e contratando mais comissões técnicas.

Implantar e melhorar a infraestrutura de centros de treinamento.

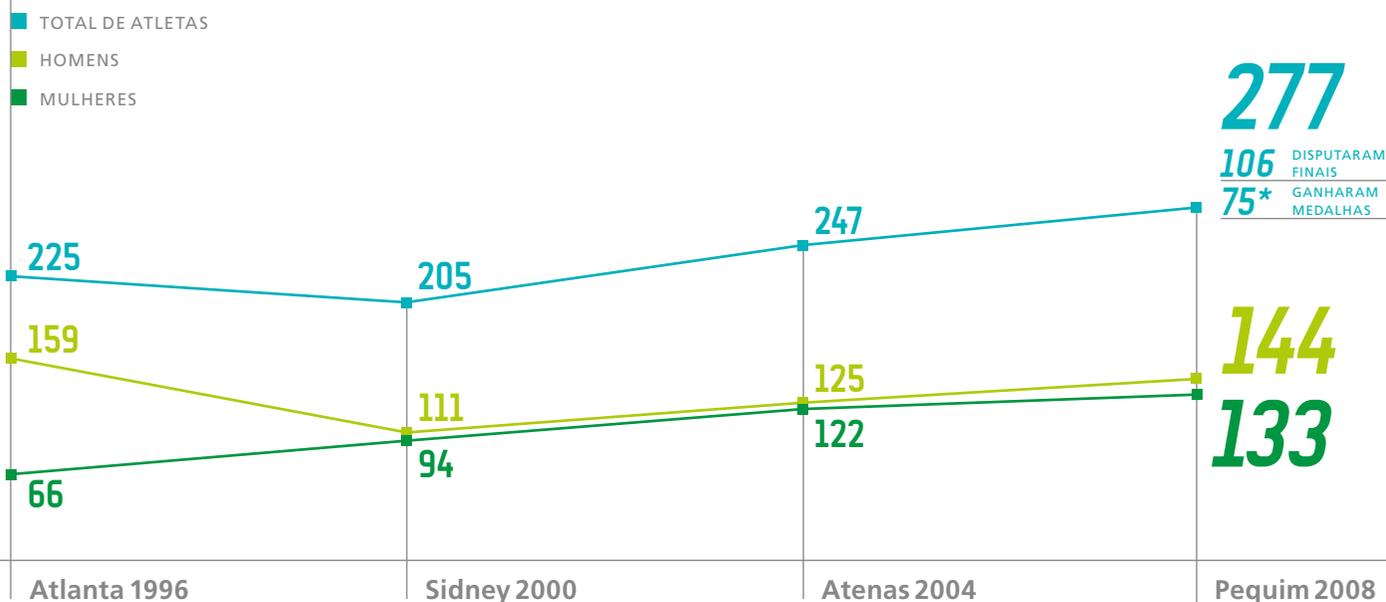
Adquirir material específico para o desenvolvimento das modalidades.

Realizar cursos de formação, especialização e atualização de técnicos e equipes multidisciplinares.

Planejar e executar campings de treinamento para as equipes brasileiras no Brasil e no exterior.

Planejar e executar a melhor preparação possível do esporte brasileiro dentro de um ciclo olímpico.

Atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos – evolução



(*) Total se refere ao conjunto de atletas medalhistas, inclusive os que integram as modalidades coletivas.

Em termos comparativos, vale observar que em 1996, para a edição olímpica de Atlanta, nos Estados Unidos, foram enviados 225 atletas brasileiros, sendo 66 mulheres e 159 homens. Passados 12 anos, nos Jogos de Pequim 2008, participaram 277 atletas – 133 mulheres e 144 homens –, dos quais 106 disputaram finais.

O crescimento de mais de 20% da delegação e a maior participação feminina foram destaques no período e, sem dúvida, esse caminho se mostrou promissor para a consolidação da presença brasileira nas competições olímpicas. Além disso, o fato de poder levar mais atletas permitiu que muitos deles, mesmo que não tenham obtido medalhas, adquirissem experiência em competições de alto nível.



A participação feminina nos Jogos Olímpicos cresce cada vez mais.



O hipismo tem tradição de medalhas olímpicas.

A convivência com atletas renomados e a participação em eventos importantes vêm dando aos mais novos uma bagagem considerável e útil, que auxilia no momento das disputas olímpicas e também na hora das provas realizadas em mundiais e em outros eventos significativos.

O processo de preparação de atletas é considerado pelo COB, já há alguns anos, um ponto alto da empreitada que visa colocar o Brasil como um país de grande representatividade esportiva. Essa meta ganha agora um novo contorno com a intenção de incluir o país entre as nações que conquistam entre 25 e 34 medalhas nos Jogos e de estar entre as dez potências olímpicas mundiais em 2016.

Com foco em Londres 2012 e no Rio 2016™, o COB lida cientificamente com esses dados e reforça as bases de atuação que vão levar ao cumprimento de etapas importantes na direção do desenvolvimento da excelência de nossos atletas e, conseqüentemente, da obtenção de bons resultados.

Soma ponto a favor dessa meta o fato de muitos esportistas olímpicos brasileiros já serem considerados extraclasses em suas modalidades, o que significa dizer que estão entre os melhores do mundo e que o plantel construído no Brasil é um patrimônio de enorme valor. Bastando, em alguns casos, apenas a lapidação final.



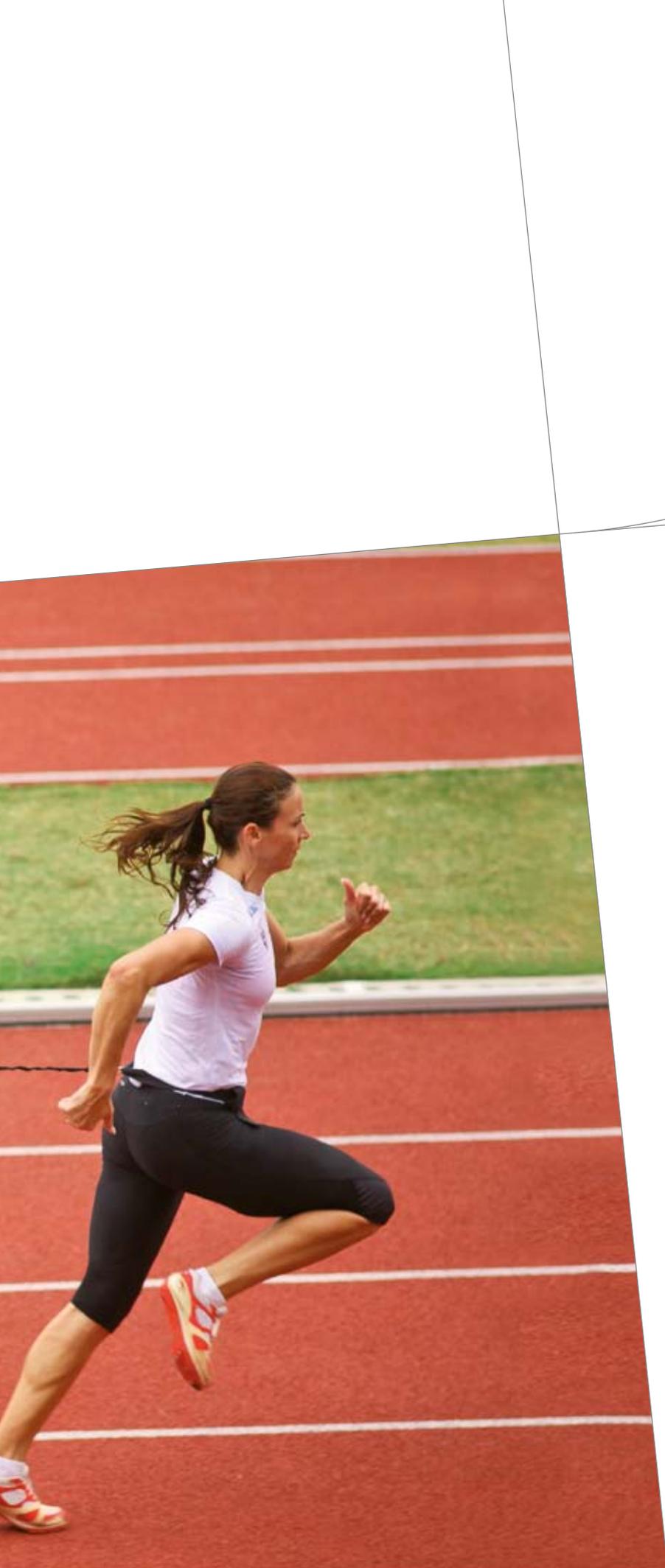
Gustavo e Murilo Endres:
irmãos vitoriosos
no vôlei.

Muitos desses atletas de alto rendimento competem em esportes coletivos, que, por tradição, são mais reconhecidos e valorizados no Brasil. O basquete, o futebol, o handebol, e o vôlei, por exemplo, contam com equipes grandes, mas cada uma pode trazer somente uma medalha para o país. Isso obriga o COB a desenvolver uma estratégia bem particular e a empreender uma ação diferente dos países onde o esporte individual tem mais força, o que naturalmente conduz à conquista de mais medalhas.

A estrutura necessária para a manutenção de uma seleção de vôlei vitoriosa como a brasileira pode se assemelhar em boa parte àquela que precisa existir para dar suporte a atletas da natação ou do atletismo. Porém, enquanto estas duas últimas modalidades, praticadas nas piscinas e nas pistas, respectivamente, rendem medalhas que são contadas individualmente no ranking geral de países medalhistas, no vôlei e no futebol, assim como no handebol e no basquete, ocorre outra situação: a medalha é contabilizada por equipe e não por cada atleta, representando uma única conquista para todo aquele time ou seleção.

Esse fato não é tomado pelo COB como um fator negativo. Apenas serve para alertar que as soluções de melhoria de desempenho não podem simplesmente ser importadas de outros países na forma de um pacote pronto. Tais ações devem necessariamente estar alinhadas com a vocação natural do Brasil, compondo uma solução que, sob medida, venha atender às demandas do esporte nacional e, simultaneamente, assegurar mais vitórias. Esse é um ponto que está sendo prioritariamente trabalhado.



A female athlete with dark hair in a ponytail, wearing a white short-sleeved shirt and black athletic pants, is captured in a dynamic running pose on a red track. The background shows a green field and a white fence. The image is tilted slightly to the right.

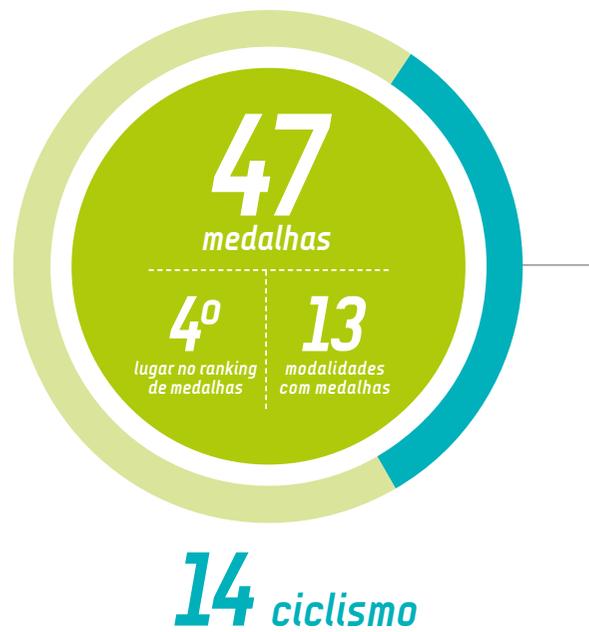
Treino com paraquedas ajuda na preparação de **Maurren Maggi**, primeira mulher brasileira a conquistar medalha de ouro olímpica individual.

Há bastante clareza sobre outro aspecto: quando se faz uma análise das últimas edições olímpicas, é fácil comprovar que os dez primeiros colocados no ranking de maiores medalhistas olímpicos chegam ao pódio em pelo menos 13 modalidades, dentre as quais uma delas é considerada um carro-chefe. Tomando dois países *top ten* como exemplos, é possível observar que, nos Jogos de Pequim, a Austrália obteve 20 medalhas só na natação e que a Grã-Bretanha ficou com 14 apenas no ciclismo, fazendo valer sua força em esportes nos quais tradicionalmente têm grande destaque.

Dentre os países que são adversários diretos do Brasil na busca por um lugar entre os *top ten*, também é clara a presença de um esporte que pode ser definido como carro-chefe: em Pequim 2008, a Itália, por exemplo, conquistou sete medalhas unicamente na esgrima.

Como foi a concorrência nos Jogos Olímpicos Pequim 2008?

Grã-Bretanha



França



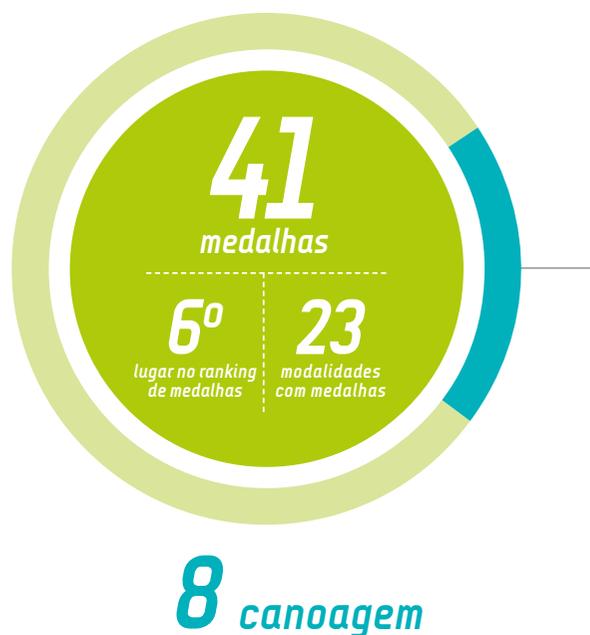
Coreia do Sul



Austrália



Alemanha



Itália



Ucrânia







*Mayra Aguiar estreou
em competições
olímpicas aos 17 anos
nos Jogos de Cingapura.*



Um dos grandes nomes do judô, **Tiago Camilo** já conquistou duas medalhas olímpicas.

No caso brasileiro, o judô tem notada relevância – foi o esporte que ganhou mais medalhas. Traduzindo em números: em Pequim, 56 medalhas estavam em disputa no judô, sendo que cada país poderia ganhar, no máximo, 14. O Brasil conquistou três delas (bronzes de Tiago Camilo, Leandro Guilherme e Ketleyn Quadros). Para que o esporte seja considerado um autêntico carro-chefe do país, como a natação é para a Austrália, por exemplo – que levou vinte de um total de 104 medalhas oferecidas em Pequim somente para essa especialidade aquática –, seu rendimento precisa crescer de forma expressiva.

Desde 2000, o país sempre ganha medalhas em pelo menos sete modalidades. Para figurarmos entre os *top ten*, precisamos de uma modalidade carro-chefe e garantir medalhas em, pelo menos, 10 modalidades. Em função dessa realidade, o Brasil, por meio do COB e das confederações dos esportes, neste momento atua para transformar o cenário do esporte olímpico.

O COB não só identificou com clareza esse cenário como também firmou um plano estratégico para que os brasileiros fiquem mais bem-posicionados nas duas próximas edições dos Jogos. Para tanto, é necessário investir de modo a manter medalhas nas oito modalidades que já garantem retorno positivo – vide as 15 medalhas obtidas em Pequim – e, ao mesmo tempo, aperfeiçoá-las de forma a dar mais fôlego para que, no conjunto, rendam novas conquistas: algo em torno de dez medalhas a mais. Em paralelo, ações estão sendo desenvolvidas a fim de ampliar o número de modalidades com potencial de conquista de medalhas.

Observando a experiência de países bem-sucedidos, constata-se que são necessárias ações estruturadas de desenvolvimento em mais de vinte modalidades para ampliar as chances de atingir o objetivo. É uma receita que dosa de forma científica habilidade e talento com potencial de resultado, e que se assemelha àquela que hoje é seguida por grandes potências como Estados Unidos, Alemanha, Itália, Coreia do Sul, França, entre outras.

Plano estratégico para entrar no ranking dos top ten em 2016



Total de medalhas em jogo

- MODALIDADES ESPORTIVAS
- MEDALHAS EM JOGO
- MEDALHAS POSSÍVEIS*

(*) número de medalhas que podem ser conquistadas por um mesmo país em uma edição de Jogos Olímpicos, caso este alcance um aproveitamento máximo em cada modalidade.

Atletismo	141	133	Judô	56	14
Badminton	15	12	Levantamento de Peso	45	10
Basquete	6	2	Luta Greco-romana	28	7
Boxe	52	13	Luta Livre	44	11
Canoagem - Slalom	12	5	Nado Sincronizado	6	2
Canoagem - Velocidade	36	12	Natação	102	62
Ciclismo - BMX	6	4	Pentatlo Moderno	6	4
Ciclismo - Estrada	12	8	Polo Aquático	6	2
Ciclismo - Mountain Bike	6	4	Remo	42	14
Ciclismo - Pista	30	12	Saltos Ornamentais	24	12
Esguima	30	16	Taekwondo	32	4
Futebol	6	2	Tênis	15	5
Ginástica Artística	42	26	Tênis de Mesa	12	8
Ginástica de Trampolim	6	4	Tiro com Arco	12	8
Ginástica Rítmica	6	3	Tiro Esportivo - Bala	30	20
Handebol	6	2	Tiro Esportivo - Prato	15	10
Hípismo - Adestramento	6	4	Triatlo	6	6
Hípismo - CCE	6	4	Vela	30	10
Hípismo - Saltos	6	4	Vôlei	6	2
Hóquei sobre Grama	6	2	Vôlei de Praia	6	4



Mas como saber em quais modalidades o país deve apostar? A experiência mostra que nenhum país investe igualmente em todo o conjunto das modalidades olímpicas que, para o programa Londres 2012, são 40. Privilegia-se naturalmente aquelas que estão em um estágio de desempenho mais avançado ou cuja capacidade de rendimento é nitidamente percebida.

No caso do Brasil, definir quais esportes serão mais exigidos ou quais terão investimento e ações mais dirigidos em termos técnicos e financeiros, visando não só aos Jogos Olímpicos de 2012 e de 2016 mas também a outras competições importantes, não cabe somente ao COB, e sim a um grupo de agentes formado pelo próprio COB, pelas confederações, pelo Ministério do Esporte e pelos clubes.

Relação das modalidades olímpicas Londres 2012			
ATLETISMO	CICLISMO – MOUNTAIN BIKE	HIPISMO – ADESTRAMENTO	NATAÇÃO
BADMINTON	CICLISMO – PISTA	HIPISMO – CCE	PENTATLO MODERNO
BASQUETE	ESGRIMA	HIPISMO – SALTOS	POLO AQUÁTICO
BOXE	FUTEBOL	HÓQUEI SOBRE GRAMA	REMO
CANOAGEM – SLALOM	GINÁSTICA ARTÍSTICA	JUDÔ	SALTOS ORNAMENTAIS
CANOAGEM – VELOCIDADE	GINÁSTICA DE TRAMPOLIM	LEVANTAMENTO DE PESO	TAEKWONDO
CICLISMO – BMX	GINÁSTICA RÍTMICA	LUTA GRECO-ROMANA	TÊNIS
CICLISMO – ESTRADA	HANDEBOL	LUTA LIVRE	TÊNIS DE MESA
		NADO SINCRONIZADO	
			TIRO ESPORTIVO – BALA
			TIRO ESPORTIVO – PRATO
			TIRO COM ARCO
			TRIATLO
			VELA
			VÔLEI
			VÔLEI DE PRAIA



Emanuel (à esquerda) forma dupla com Alison e vai brigar por sua terceira medalha olímpica em 2012.

Cada modalidade é individual e periodicamente avaliada por esse grupo de forma criteriosa, recebendo pontuações e conceitos em 17 itens, que consideram desde o talento individual de determinados atletas até a aplicação de recursos por parte de suas confederações, passando ainda pelo histórico de conquistas, pelo nível técnico, resultado nas categorias de base etc. As informações são computadas e, a partir delas, obtém-se um retrato bastante realista relacionado com os esportes e os atletas.

Atualmente, quando o COB menciona o fato de as apostas em determinadas modalidades serem feitas segundo parâmetros científicos, não usa apenas uma força de expressão, mas frisa realmente as diretrizes modernas que têm norteado suas iniciativas.

E mais: soma a essa convicção passos bem-calculados rumo à profissionalização, começando por elevar a qualidade de seu time interno. Há três anos, iniciou-se no COB uma virada administrativa, com direcionamento que prioriza o esporte e que é compartilhado por uma equipe de mais de 150 profissionais que, no dia a dia, faz funcionar uma estrutura afinada.





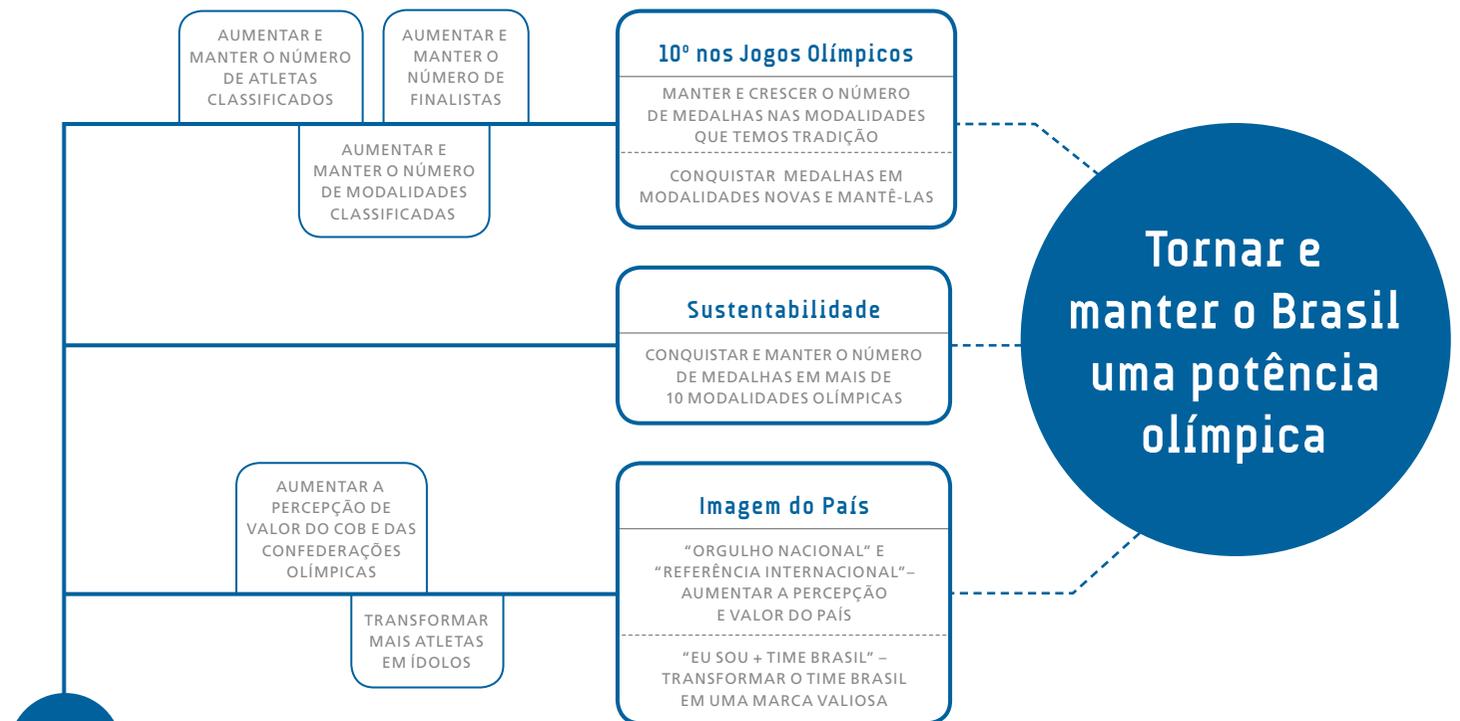
Estrutura afinada

*Equipe de
Nado Sincronizado*
*Rotina de treinos nas
modernas instalações do
Parque Aquático Maria Lenk.*

Na estrutura do COB, a Superintendência Executiva de Esportes representa uma espécie de coluna fundamental, para a qual todas as atenções estão voltadas. Sob sua coordenação, estão as unidades Gestão Estratégica e Legal, Jogos e Operações Internacionais, Desenvolvimento Esportivo, Juventude e Infraestrutura, e Alto Rendimento.

Recentemente, o COB atualizou o plano estratégico do esporte olímpico para nortear suas ações, com benefício direto de tudo o que envolve a meta de fazer do Brasil uma potência esportiva sustentável, com resultados que se mantenham regulares ao longo do tempo. Com o plano, o COB passa a contar com uma ferramenta de planejamento a médio e longo prazos, flexível o bastante para ser ajustada às demandas de cada momento.





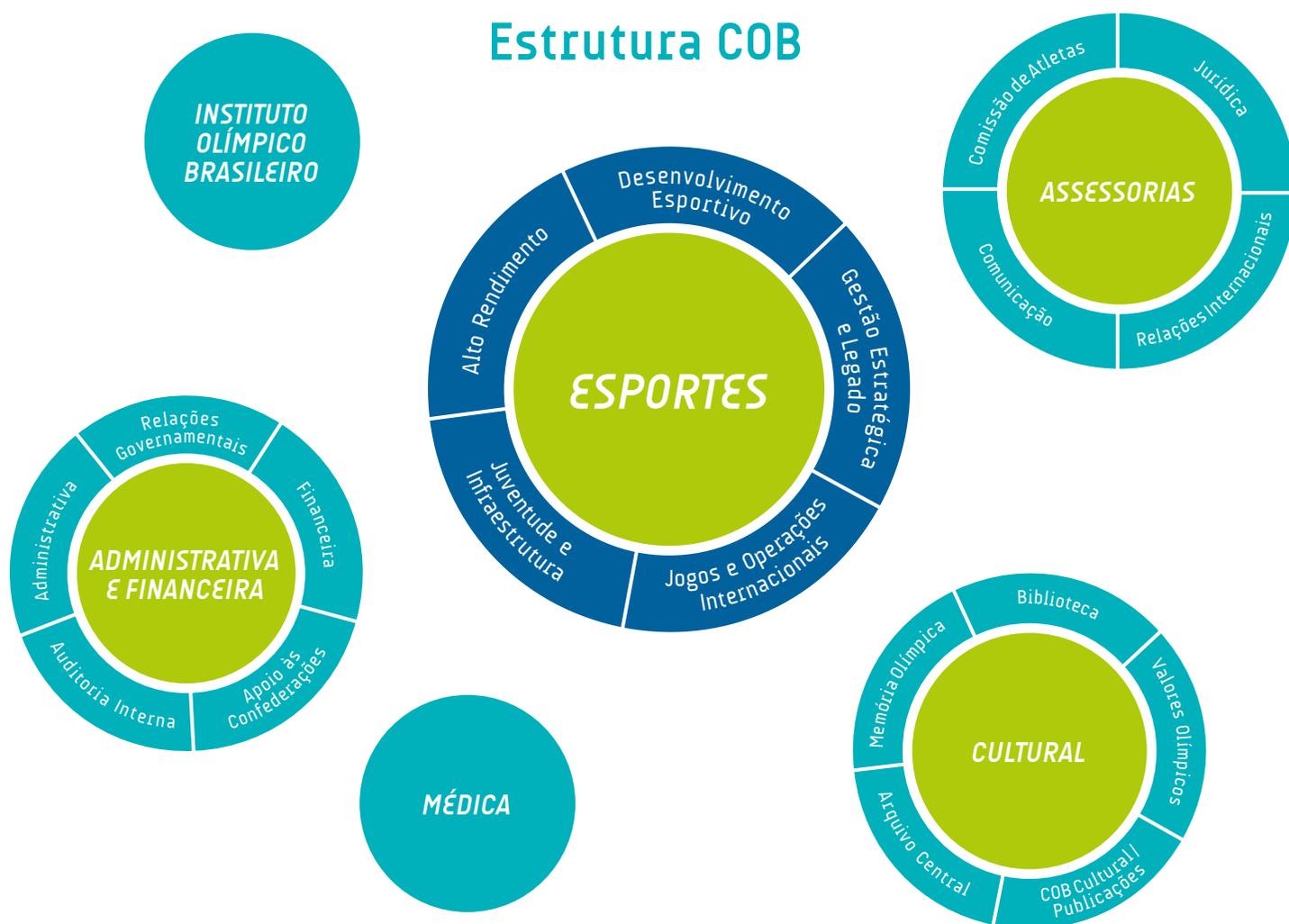
O plano foi elaborado com a participação de todas as unidades e prevê atribuições e tarefas a serem desempenhadas pelo conjunto de integrantes do COB, que atuam balizados por indicadores de desempenho e critérios de aceitação definidos para procedimentos específicos.

Houve a preocupação de estabelecer uma interdependência entre os passos previstos para cada área, de modo a firmar uma ligação estreita com o resultado. Dessa forma, também fica marcada a necessidade de que o trabalho realmente seja feito em equipe, como o de um time cujo acompanhamento se dá por meio das medições efetuadas pela Unidade Gestão Estratégica e Legado. Ela atua como fonte de orientação, documentação, métrica e estratégia, organizando a adoção de boas práticas que repercutam diretamente na gestão e na execução de projetos e ações do COB, garantindo, assim, que os resultados alcançados sejam mantidos no futuro.

A área de Jogos e Operações Internacionais, por sua vez, tem papel primordial à medida que responde por toda a logística da participação de brasileiros em competições internacionais, cuidando de inscrições, de credenciamento etc. Ainda estabelece parcerias com comitês olímpicos de outros países e auxilia atletas beneficiados em programas de formação e aperfeiçoamento relacionados às suas respectivas modalidades que sejam conduzidos no exterior. O ciclo olímpico envolve muito mais que os Jogos a cada quatro anos, e é preciso manter uma equipe que ofereça garantias em termos de organização e manutenção da participação dos atletas do Brasil nas diversas competições.

Um dos destaques da área atualmente é o planejamento da Missão Londres 2012, que permitirá ao Time Brasil ter pela primeira vez uma base de treinamento exclusiva na cidade-sede: o Crystal Palace, um centro multiesportivo situado em Londres que já recebeu grandes eventos, como edições do Grand Prix de Atletismo. As instalações já estão sendo preparadas para receber a delegação durante a fase de aclimação para as disputas olímpicas e, em seguida, para acolhê-la durante os Jogos, na etapa denominada *Games Time*.

Estrutura COB





Vistas do alto, as estações de trabalho de grande parte da equipe de colaboradores do Comitê Olímpico Brasileiro.

Durante os dias de competição, o plano é que os competidores fiquem hospedados na Vila Olímpica, mas que no CT possam dispor de uma infraestrutura completa, que contará com a presença de treinadores, *sparrings*, profissionais da ciência do esporte, entre outros. Medidas dessa natureza não são exatamente novidade: países como os Estados Unidos têm por rotina adotar tal procedimento para proporcionar maior conforto a seus atletas. Agora, o Brasil segue o exemplo, levando em conta que os atletas devem ser atendidos com máxima qualidade para que apresentem melhor desempenho.

Esse princípio da qualidade visto nas áreas de Gestão Estratégica e Legado e de Jogos e Operações Internacionais também está presente nas outras gerências subordinadas à Superintendência Executiva de Esportes. Exemplo disso são os ex-atletas que, depois de terem conquistado medalhas e deixado as competições, passaram a integrar a equipe do COB e a se dedicar à gestão esportiva. Todos têm formação especializada, ampla vivência e participação em eventos e competições internacionais de grande porte. Tê-los no grupo gerencial é mais uma vantagem para o Comitê Olímpico Brasileiro no momento de aceitar desafios e atender melhor aos atletas, seus principais clientes.



A gerência de Desenvolvimento Esportivo dá suporte constante a atletas de ponta, como o ginasta Diego Hypolito.



A elite do esporte do Brasil dispõe hoje de acompanhamento integral no que se refere não só aos treinos como também à educação e à formação, ao gerenciamento de carreira e finanças, ao relacionamento com clubes e confederações, ao uso de instalações esportivas e à contratação de treinadores. Também recebe suporte médico e psicológico, feito com os mais modernos recursos da ciência do esporte, e apoio logístico, com aquisição de equipamentos quando necessário.

Para oferecer respostas eficientes a essa demanda e dar conta de uma tarefa de tal dimensão, o COB vem formando uma equipe cuja marca essencial é o profissionalismo. Na gerência de Alto Rendimento, estão entre as principais atribuições: fazer a interface com as confederações no tocante ao apoio, à elaboração e à validação dos projetos. Além disso, deve-se orientar e fiscalizar a aplicação dos recursos da Lei Agnelo/Piva.

Na gerência de Desenvolvimento Esportivo, o foco está voltado para o suporte ao treinamento dos atletas. Entre as ações promovidas pela gerência estão o apoio em áreas da ciência do esporte, acompanhamento médico, aquisição de equipamentos e materiais esportivos e a promoção de intercâmbios de treinamento e competições no exterior. O desafio da Superintendência não é somente preparar as equipes para os Jogos Olímpicos de 2012 e de 2016 mas também contribuir para a formação de um legado e para a grande transformação esportiva em níveis estrutural e operacional.

É importante frisar que na Superintendência Executiva de Esportes os passos são dados de forma muito calculada, perseguindo uma estratégia de consolidação da realidade esportiva necessária a um país que vai ser sede dos Jogos Olímpicos. Não se trata de fazer referência somente a ações pontuais, mas a um processo de construção de infraestrutura e, conseqüentemente, de bons resultados.



A dupla formada por **Robert Scheidt**, bicampeão olímpico na classe Laser, e **Bruno Prada** foi medalha de prata em Pequim e campeã mundial em 2011 pela classe Star.



Perfeitamente alinhada com essa visão, a unidade de Desenvolvimento Esportivo lida com a coordenação de tudo o que diz respeito a projetos de suporte à preparação de atletas com chances reais de medalhas em 2016. De um lado, trabalha-se com os mais jovens, tendo sempre como meta o desenvolvimento de novos valores para o esporte brasileiro. De outro, esportistas de diversas modalidades são assistidos de perto, de modo que sejam capacitados a aprimorar o desempenho e, assim, melhorar suas marcas em relação à concorrência. O COB avalia as necessidades particulares de cada atleta e supre demandas objetivas de quem já tem experiência em grandes competições.

Natália Falavigna, a brasileira com maior número de medalhas internacionais no taekwondo, frisa a existência hoje de um cenário em que há maior profissionalismo, animando o atleta e permitindo-lhe um vislumbre de transformação e a possibilidade de viver do esporte. Natália destaca que o mesmo raciocínio pode ser feito pelos profissionais que cuidam do esportista: fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, técnicos e outros especialistas começam a ter a chance de dedicar total atenção ao esporte e aos atletas, graças aos recursos e ao projeto esportivo que vem sendo construído pelo COB e pelas confederações. Como diz Natália, todo resultado positivo no esporte de alto rendimento depende de muito trabalho, e é nessa linha que o Comitê Olímpico Brasileiro tem atuado.

Time Rio

Bárbara Leôncio (atletismo)

César Castro (saltos ornamentais)

Diego Hypolito (ginástica artística)

Evelyn Santos (atletismo)

Jade Barbosa (ginástica artística)

Kaio Márcio (natação)

Natália Falavigna (taekwondo)

Nivalter Santos (canoagem)

Patrícia Freitas (vela)

Rafaela Silva (judô)

Ricardo Winicki (vela)

Rosângela Santos (atletismo)

A atleta do taekwondo – já classificada para os Jogos Londres 2012 – faz parte do Time Rio, cujos integrantes recebem apoio financeiro da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Baseado em modelos de sucesso vividos por outras cidades do mundo, o governo municipal entra com os recursos e delega ao COB a missão de gerenciar sua aplicação e atender às demandas dos atletas.



Time Rio





Atletas dos saltos ornamentais e do ciclismo utilizam as instalações esportivas administradas pelo COB.

O Time Rio é a primeira experiência nesse sentido. Outras cidades do Brasil também estão em fase de análise para que recebam projeto semelhante. A mais bem encaminhada até o momento é São Paulo. Há vários critérios para que se definam quais atletas serão atendidos e, a princípio, os que mais somam pontos na hora da seleção para o time são potencial olímpico, medalhas conquistadas, recordes e participação em finais de competições importantes.

O Time Rio foi composto segundo tais pré-requisitos e vem funcionando como modelo. Os atletas utilizam as instalações já existentes (Parque Aquático Maria Lenk e Velódromo do Rio), que pouco a pouco vão dando forma ao Centro de Treinamento Time Brasil, sob responsabilidade da unidade Juventude e Infraestrutura, com espaços destinados especificamente a determinadas modalidades. O CT do Taekwondo, que dispõe de equipamentos iguais aos utilizados em grandes competições como os Jogos Olímpicos, foi inaugurado em dezembro de 2010.

As seleções brasileiras de nado sincronizado, saltos ornamentais, natação, ciclismo e patinação, além do taekwondo, utilizam regularmente as dependências do Centro de Treinamento, que contam com ampla infraestrutura, com alojamento e a recém-inaugurada sala de força e condicionamento.

Em breve, serão inaugurados o laboratório olímpico e o ginásio multiuso, este último a funcionar no centro do velódromo. O ginásio vai oferecer totais condições de treinamento e os primeiros a desfrutar do local serão os atletas de ginástica artística e do salto com vara.



O Laboratório Olímpico envolverá 11 áreas de pesquisa, como fisiologia do exercício, biomecânica, bioquímica e genética, oferecendo ferramentas fundamentais e inéditas para o desenvolvimento do esporte olímpico brasileiro. Antes de o espaço físico ser inaugurado por completo, já é feito o acompanhamento da preparação de diversos atletas brasileiros. As ferramentas da Ciência do Esporte são usadas pelo COB para orientar as tomadas de decisão na formação de atletas de alto rendimento. Temas como fisioterapia esportiva, nutrição, condicionamento físico de alto rendimento, psicologia do esporte e lesões no esporte olímpico são estudados por uma equipe multidisciplinar. As informações coletadas se conjugam com as pesquisas conduzidas pelo Laboratório Olímpico. Assim, o país poderá adquirir subsídios e *expertise* ao mesmo tempo em que estrutura um banco de dados, até então inexistente, capaz de orientar ações estratégicas para o esporte.

Avanços da Ciência do Esporte orientam o programa de condicionamento dos atletas da canoagem.





A avaliação especializada a que os atletas são submetidos define os respectivos perfis metabólico e hormonal, bem como faz a medição da mecânica de seu exercício e mapeamento muscular. A partir daí, já é possível firmar planos sob medida, nos quais se privilegia uma rotina de treinos específicos, segundo as necessidades apontadas pelos cientistas para cada indivíduo.

Nivalter dos Santos, da canoagem, é um dos atletas avaliados por esse método e que faz um treinamento dirigido. Natural do interior de Sergipe, ele esteve em Pequim 2008, e chegou à semifinal no C1 500m, ficando com o 14º melhor tempo do mundo na prova. Sua evolução técnica vem sendo acompanhada de perto e mapeada em cada detalhe.

O objetivo é aprimorar ainda mais a performance do canoísta, com os recursos da Ciência do Esporte, favorecendo um salto de qualidade em sua carreira em termos físicos e técnicos. E que isso se reflita em mais chances de medalha no curto prazo, como a prata conquistada por Nivalter nos Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011.

A exemplo de Nivalter, algumas boas promessas brasileiras para os Jogos Olímpicos vêm do interior do Brasil. Muitas surgiram das Olimpíadas Escolares, que são realizadas anualmente. No Comitê Olímpico, tanto as Olimpíadas Escolares quanto as Olimpíadas Universitárias estão sob a coordenação da unidade Juventude e Infraestrutura, da Superintendência Executiva de Esportes.





*Campeão olímpico,
Cesar Cielo
também é recordista
mundial dos 50m
e 100m livre.*

O maior evento esportivo estudantil do país



nas etapas seletivas, em 2011, envolveu

27 estados

3.900 cidades

40 mil escolas

2 milhões de
jovens atletas

O projeto das Olimpíadas Escolares foi implantado em 2005 a partir de uma parceria do COB com o Ministério do Esporte e com as Organizações Globo. Cresceu rapidamente e todos os anos as Olimpíadas são disputadas por alunos de escolas públicas e privadas de todo o Brasil. A competição é dividida em duas faixas etárias – de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos – e atingiu em 2011 quase 2 milhões de jovens, envolvendo 40 mil escolas. Se consideradas as etapas de classificação e eliminatórias, pode-se dizer que o evento alcança atualmente 3.900 cidades, ou praticamente a metade dos municípios brasileiros. As cidades que se candidatam a sediar o maior evento esportivo estudantil do país passam por processo inspirado no que é aplicado pelo COI para os Jogos Olímpicos: elas devem encaminhar documentos com garantias e receber comissões de avaliação e de inspeção.

Na competição realizada em João Pessoa em 2011, para a faixa de 12 a 14 anos, foram disputadas 12 modalidades: atletismo, badminton, basquete, ciclismo, futsal, ginástica rítmica, handebol, judô, natação, tênis de mesa, vôlei e xadrez. Já na competição em Curitiba, voltada para alunos de 15 a 17 anos, as 12 modalidades foram: atletismo, basquete, ciclismo, futsal, ginástica rítmica, handebol, judô, natação, taekwondo, tênis de mesa, vôlei e xadrez. Somadas as competições nas duas cidades, a etapa final do evento reuniu cerca de 8 mil atletas – equivalente, em termos do total de participantes, a um esforço semelhante àquele que é feito para organizar duas edições de Jogos Pan-americanos. As delegações ficaram hospedadas em hotéis e contaram com uma grande estrutura de suporte, como alimentação, transporte e atendimento médico, entre outros serviços.

A promoção das Olimpíadas Escolares tem servido para aumentar a base de atletas e em 2010 foi reconhecida como um caso de sucesso, tendo seus benefícios certificados pelo COI com o troféu “Esporte – Inspirando Jovens”. A cada ano o Comitê Olímpico Internacional elege um tema para ressaltar o trabalho que é feito em prol do desenvolvimento do esporte no mundo. O de 2010, relacionado a ações voltadas para crianças e adolescentes, foi motivado pela realização dos I Jogos Olímpicos da Juventude Cingapura – 35 dos 81 competidores brasileiros tinham participado das Olimpíadas Escolares. Esse número é um indicador importante e mostra como a formação de base já começa a surtir efeitos no alto rendimento.



As Olimpíadas Escolares brasileiras serviram de referência para os Jogos de Cingapura.

Olimpíadas Escolares – evolução (2005 - 2011)

ETAPA NACIONAL

■ ESCOLAS

■ ALUNOS PARTICIPANTES





O secretário do COI para os Jogos, Essar Gabriel, declarou que as Olimpíadas Escolares foram fundamentais no planejamento das ações de Cingapura. “Esse projeto foi uma referência para nós”, garantiu. Outra comprovação de que o modelo das OE vem se revelando cada vez mais bem-sucedido é o aumento do número de participantes do Programa de Observadores Internacionais das Olimpíadas Escolares.

Em 2011, em sua quarta edição, o Programa recebeu visitantes de 17 países: Angola, Botswana, Catar, China, Dominica, Emirados Árabes Unidos, Equador, Eslováquia, Geórgia, Ilhas Cook, Indonésia, Irã, Malawi, Moçambique, Moldávia, Portugal e Sérvia. A maioria era ligada a entidades esportivas internacionais e desejava conhecer o evento e compartilhar experiências, tanto aquelas ligadas à organização das competições propriamente ditas como as relacionadas com os segmentos educativo e cultural, também muito ativos durante o evento.

O trabalho nas Olimpíadas Escolares tem tido um reconhecimento tão especial a ponto de na Conferência Mundial de Esporte e Cultura, realizada pelo COI em 2010, ter sido divulgado que o programa cultural dos Jogos de Cingapura fora inspirado nas OE. Esse tipo de menção serve de estímulo para novas iniciativas, especialmente as que se referem a ampliar uma formação de jovens voltada para os valores olímpicos: amizade, respeito e excelência.

Responsável pelas ações culturais e educativas nas Olimpíadas Escolares, o Departamento Cultural do COB desenvolve também ações em várias outras frentes. Dentre elas, a manutenção de um selo editorial com temática esportiva, pelo qual já foram publicados cerca de 40 títulos, e o projeto COB nas Comunidades.



Aluna-atleta deixa seu recado durante a edição das Olimpíadas Escolares; selo COB Cultural já publicou diversos livros de temática esportiva.



O COB nas Comunidades tem encontrado terreno fértil para os valores olímpicos e proporcionado novas oportunidades a meninos e meninas que moram em áreas de risco social. De 2010 para cá, cerca de 1.500 jovens foram atendidos, e o COB vem conseguindo aproximar comunidades carentes do esporte e estimular a prática de modalidades. O projeto inclui o contato dos adolescentes com campeões olímpicos em palestras e encontros, nos quais são distribuídos, eventualmente, livros e material esportivo. Tudo com o objetivo de mostrar que o esporte pode promover transformações e proporcionar uma vida digna. Recentemente, o projeto começou a chegar às comunidades pacificadas pelo governo estadual do Rio de Janeiro, o que vem garantindo ao COB a possibilidade de ampliar o trabalho de cunho social e de estar mais próximo da população. Ao alcançar os jovens, o Comitê envolve também pais e educadores no projeto, podendo estabelecer um contato direto que vá desde disponibilizar parcerias para a implementação de programas esportivos até incentivar o acesso a sua biblioteca, que hoje dispõe de 16 mil documentos catalogados e está aberta ao público em geral, para consulta e pesquisa de livros, obras de referência, teses e material multimídia. O acervo conta inclusive com algumas obras raras, como o relatório oficial de resultados dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em versão bilíngue (grego e francês), que data de 1896.



Adriana Behar,
duas medalhas de prata
olímpicas, conversa com
crianças atendidas por
projetos sociais.



A ampla preocupação do Comitê Olímpico Brasileiro em garantir que a construção do sonho olímpico se dê junto da transformação social – que pode acontecer por intermédio do esporte – tem motivado o planejamento de projetos inovadores, como o que prevê que o Brasil tenha um Museu Olímpico. Gradativamente estão sendo reunidas as peças para composição do acervo. Com o Museu, espera-se ter uma ferramenta inédita de informação sobre o esporte. A expectativa é também atrair atenção para o tema e estimular novas demandas que levem não só à prática esportiva como também ao estudo do Olimpismo e da história das modalidades.

No entendimento do COB, a construção do sonho olímpico passa também pelo legado de capacitação, desde os níveis mais básicos até os mais especializados.

A movimentação em torno do esporte tenderá a se intensificar, e espera-se que despontem os novos talentos que vão representar o Brasil em 2012 e 2016 em proporção semelhante.

Como nem tudo se resume a ter um bom time em campo ou em quadra ou na piscina, a construção do sonho olímpico e da geração 2016 vem exigindo do COB que mantenha um olhar também dirigido para fora das áreas de competição e que aposte na capacitação dos profissionais que estão juntos ao atleta, no dia a dia das áreas técnica e administrativa.

Esse aprimoramento tem sido feito pelo Instituto Olímpico Brasileiro, que, oficializado em 2009, hoje lida com o processo de formação e capacitação de recursos humanos, ao coordenar programas de educação para atletas, treinadores e gestores esportivos. Em relação aos atletas, o programa visa ao seu desenvolvimento global, de modo a potencializar suas oportunidades de atuação no mundo esportivo e profissional. O programa conta com a oferta de bolsas de estudos em cursos de extensão ou de graduação, além de seminários com temáticas diversas, que abrangem desde os malefícios do doping até o relacionamento com a imprensa.



INSTITUTO OLÍMPICO BRASILEIRO

No programa voltado para treinadores, o COB espera ter brevemente a Academia Brasileira de Treinadores em pleno funcionamento, com a abertura das duas primeiras turmas. O plano é contemplar etapas de formação básica, comuns a treinadores de todas as modalidades, e ao longo do curso haver a especialização por esporte. Ao ter um núcleo básico comum a todos os técnicos, pouco a pouco poderá ser criada uma “cultura de treinadores”, garantindo maior harmonização entre esses profissionais, independentemente do esporte em que atuem.

Capacitação profissional

Seminários

Anualmente

2 a 3 dias de duração

100% presencial

Curso Avançado de Gestão Esportiva

1 edição/ano

13 meses de duração

40 alunos/turma

módulos presenciais e a distância

Curso de Administração Esportiva

3 edições/ano

40 horas de duração

100 alunos/turma

100% presencial

Curso Fundamentos da Administração Esportiva

2 edições/ano

2½ meses de duração

50 alunos/turma

100% a distância



Bernardino fala sobre liderança aos participantes do Seminário de Desenvolvimento Esportivo.

Já no programa de gestores, os destaques são os cursos chancelados pelo COI, alguns deles realizados na plataforma de ensino a distância. O curso de Fundamentos da Administração Esportiva (FAE) é ministrado duas vezes por ano, cada uma delas atendendo a 50 alunos. É realizado a distância e dura dois meses e meio. Com características diferentes, a começar pelo fato de ser 100% presencial e exigir como pré-requisito alguma experiência em gestão de esporte, o Curso de Administração Esportiva (CAE) é promovido três vezes por ano e tem carga horária de 40 horas, atendendo cem alunos por turma. A menina dos olhos nesse segmento é o Curso Avançado de Gestão Esportiva (CAGE). Acontece uma vez ao ano, estende-se por 13 meses e tem módulos de aulas presenciais e a distância. No total, os alunos passam cerca de quatro semanas no COB, assistindo aulas, realizando trabalhos em grupo e apresentando diferentes projetos relacionados a recursos humanos, gestão estratégica, marketing, grandes eventos, entre outros. Para garantir o diploma, cada aluno desenvolve e apresenta um trabalho de conclusão de curso.

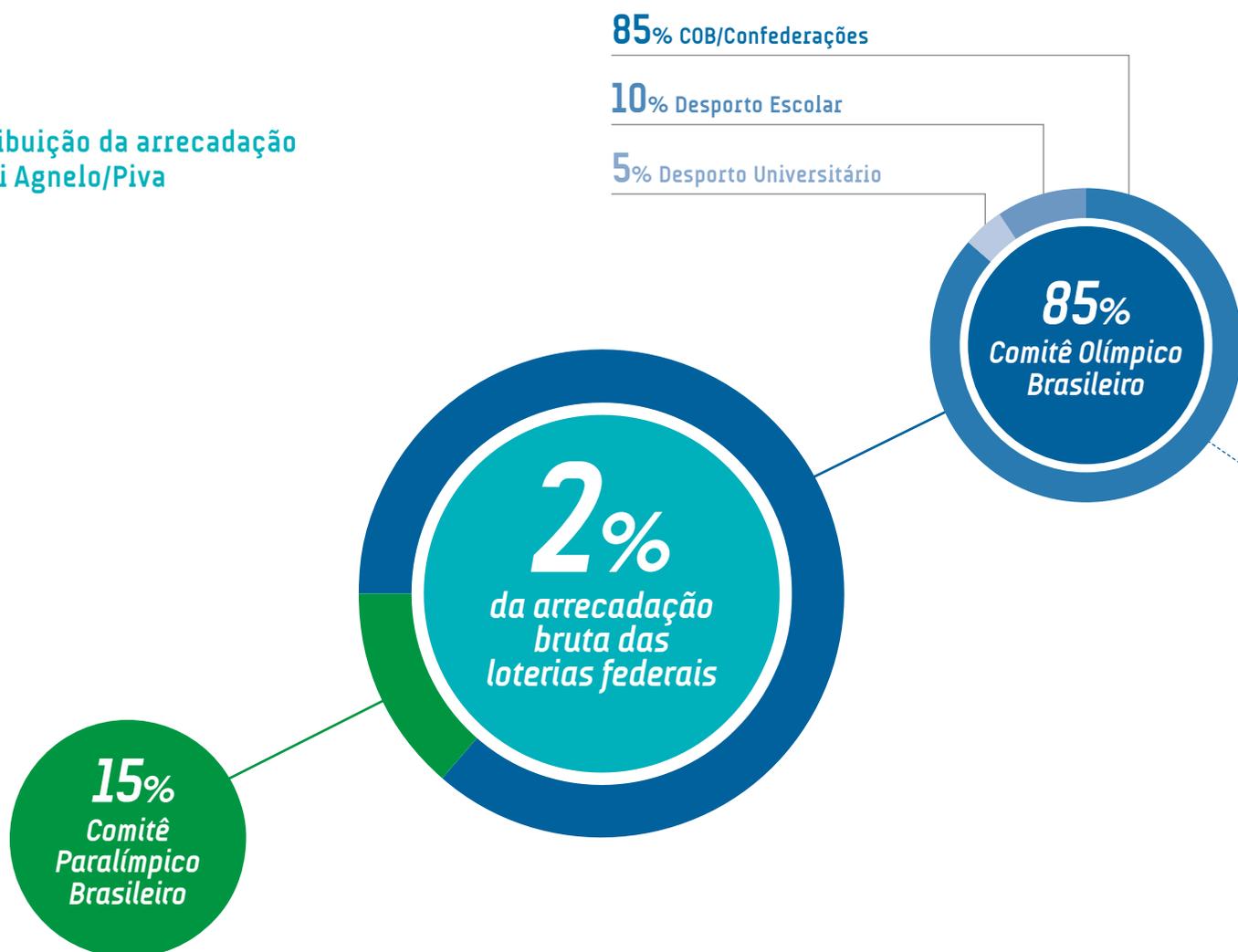
Todos esses cursos são oferecidos a integrantes de confederações, de clubes, dos três níveis de governo, das forças armadas, parceiros e patrocinadores e a ex-atletas, com o compromisso de que a formação em si ou que projetos de final de curso estejam atrelados aos interesses das entidades às quais os alunos pertençam. O investimento por aluno em cada curso do programa de gestores pode chegar a R\$12 mil. Mas não há desembolso em nenhum dos cursos oferecidos pelo IOB: todos os alunos são bolsistas e têm sua formação custeada com recursos disponibilizados pela Lei Agnelo/Piva e pela Solidariedade Olímpica. Daí a exigência que o aprendizado obtido seja revertido em favor do esporte.

A Superintendência Executiva de Esportes atua como um grande maestro em todo esse processo, mas não se pode deixar de mencionar que tem a seu lado os demais componentes da estrutura do Comitê Olímpico Brasileiro, que conta, além do Departamento Cultural, com a Superintendência Administrativa e Financeira e o Departamento Médico. A primeira garante tranquilidade para que as demandas relacionadas ao plano esportivo conduzido pelo Comitê Olímpico Brasileiro possam ser implementadas com segurança, de modo transparente tanto para os clientes internos quanto externos. Por meio de avançadas ferramentas de controle e gerenciamento, assegura acompanhamento constante do fluxo de recursos, direcionando atividades de forma sustentável e dinâmica sem perder de vista o foco no desenvolvimento do esporte.

O Departamento Médico, por sua vez, representa mais do que um ponto de apoio para a Superintendência Executiva de Esportes no que se refere ao atendimento de atletas. É uma área estratégica de saúde voltada não só para o cuidado, mas também para orientação de pesquisa, estudo e reunião de dados que se relacionam a práticas preventivas, de acompanhamento e de atendimento/intervenção em esportistas, em todas as modalidades.

As equipes das duas áreas, num contínuo trabalho de bastidores, somam contribuição decisiva ao time do Comitê Olímpico e dão suporte integral para as ações realizadas neste importante momento de avanços e de transformação.

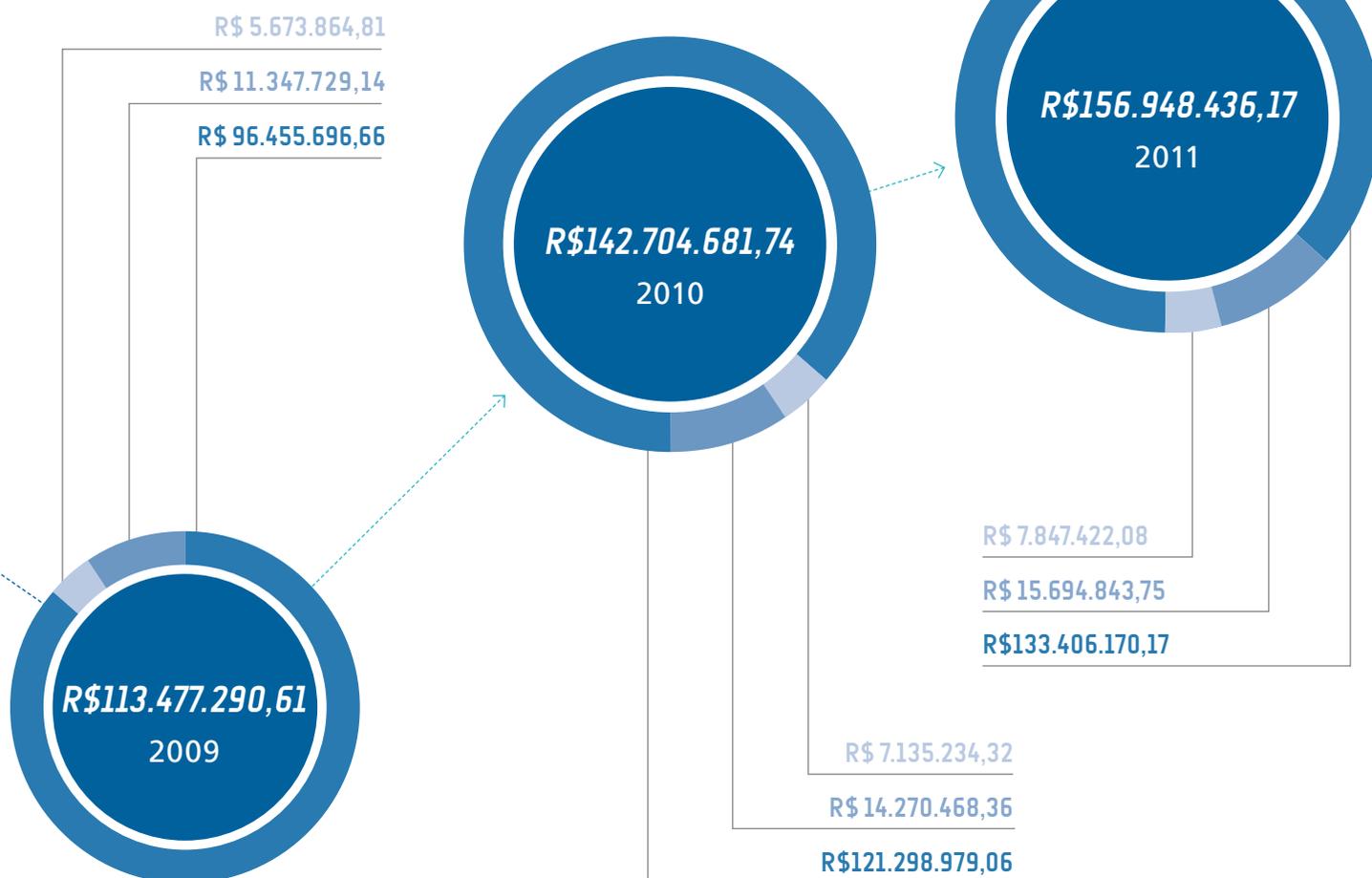
Distribuição da arrecadação da Lei Agnelo/Piva



Hoje, o COB é um modelo de gestão. Funciona como toda empresa bem gerenciada, com objetivos a alcançar e metas a cumprir. Em cada iniciativa, o COB firma o esporte como eixo fundamental de sua atividade e seu papel de representante máximo do esporte nacional. Suas atividades são desenvolvidas majoritariamente com recursos garantidos pela Lei Agnelo/Piva, que determina o repasse de 2% do total arrecadado pelas loterias federais ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (15%).

Com o aumento do volume de apostas em loterias entre 2009 e 2010, o total arrecadado cresceu 26% nesse período, chegando a R\$142.704.681,74 em 2010, o que garantiu ao COB a possibilidade não só de atender melhor às confederações em projetos voltados aos atletas de alto rendimento como também aperfeiçoar o trabalho de fomento da atividade esportiva em âmbito escolar e universitário, que já é realizado. Em 2011, a arrecadação total foi de R\$156.948.436,17, representando um crescimento de quase 10% em relação ao ano anterior.

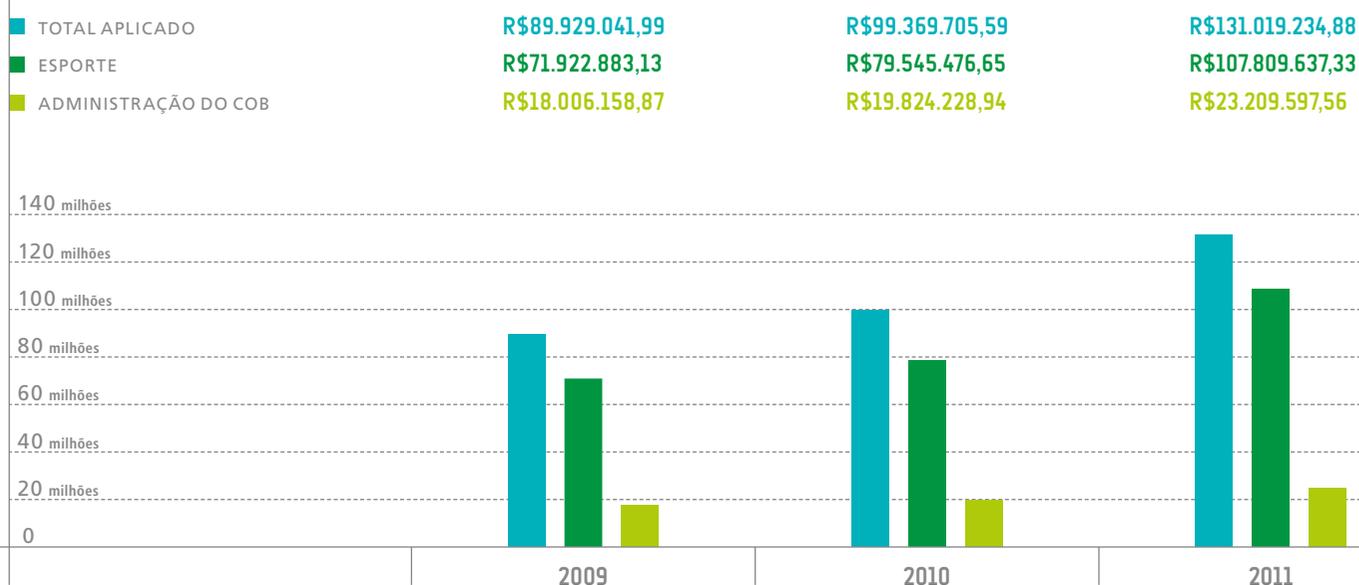
Em outras palavras, os benefícios assegurados por meio da Lei Agnelo/Piva têm permitido ao Comitê Olímpico Brasileiro investir no esporte, de forma contínua e crescente. Quando a aplicação de recursos é feita por meio das confederações, o COB faz um acompanhamento rigoroso, avaliando a qualidade dos investimentos e checando os resultados obtidos pelas entidades. A liberação de recursos para novos projetos está sempre condicionada à prestação – e aprovação – das contas dos projetos anteriormente desenvolvidos. Vale ressaltar que, da verba recebida da Lei, é dever do COB investir 10% no esporte escolar e 5% no esporte universitário.



Critérios adotados para determinar o orçamento destinado às confederações, referente aos recursos da Lei Agnelo/Piva em 2010

- 1 Análise das prioridades e metas de cada modalidade no período 2001/2009, atingidas e não atingidas.
- 2 Análise do cumprimento das metas e índices de desempenho de cada confederação, baseado nos seguintes indicadores:
 - A Número de medalhas de ouro em disputa nos Jogos Olímpicos 2012.
 - B Medalha na última edição dos Jogos Pan-americanos.
 - C Medalha de ouro na última edição dos Jogos Pan-americanos.
 - D Medalhista na categoria de acesso à principal no último Campeonato Mundial.
 - E Classificação entre os oito melhores colocados na última edição do Campeonato Mundial principal.
 - F Medalhista na última edição do Campeonato Mundial principal.
 - G Participação na última edição dos Jogos Olímpicos.
 - H Participação nas três últimas edições dos Jogos Olímpicos.
 - I Classificação entre os oito melhores colocados na última edição dos Jogos Olímpicos.
 - J Medalha na última edição dos Jogos Olímpicos.
 - K Medalha de ouro em alguma das últimas três edições dos Jogos Olímpicos.
 - L Medalha de ouro na última edição dos Jogos Olímpicos.
 - M Sequência de medalhas olímpicas nas últimas três edições dos Jogos Olímpicos.
 - N Estrutura técnica da modalidade no Brasil.
 - O Possibilidade de desenvolvimento e performance.
 - P Gestão administrativa da modalidade.
- 3 Planejamento do Ciclo 2010/2013.

Aplicação dos recursos da Lei Agnelo/Piva*



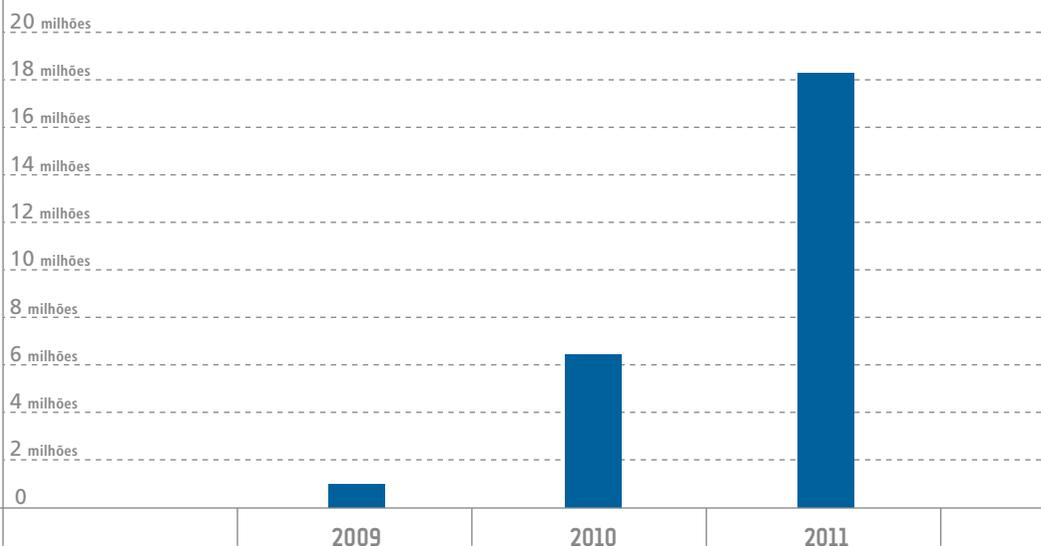
Os recursos da Lei Agnelo/Piva também são aplicados no próprio COB, que passou a empreender mudanças substanciais voltadas à modernização de suas estruturas esportiva e administrativa. Entretanto, é possível verificar que a aplicação de recursos na área esportiva – tanto na estrutura interna quanto na externa – cresceu em valores bem superiores em relação ao da área administrativa. Ao fim dos últimos dois anos, cerca de 80% dos recursos haviam sido investidos no esporte, com o restante destinado à esfera administrativa do Comitê Olímpico Brasileiro.

Simultaneamente, vem aumentando a aplicação de recursos no Fundo Olímpico, voltado para o financiamento de projetos cujo foco está na melhoria de performance dos atletas e na obtenção de resultados mais expressivos em eventos como os Jogos Pan-americanos e Olímpicos. O Fundo foi criado para viabilizar iniciativas criativas de fomento ao esporte, e os projetos por ele beneficiados têm, em sua maioria, origem nas confederações de esporte e costumam ser escolhidos em função dos diferenciais que apresentam, do nível de sustentabilidade e da capacidade de promover resultados sólidos a médio e curto prazos.



Classificada para os Jogos de Londres, Ana Cláudia Lemos é uma das jovens promessas do atletismo brasileiro.

Aplicação de recursos do Fundo Olímpico – Lei Agnelo/Piva**



(*) Não incluídos os 10% destinados ao Desporto Escolar e os 5% destinados ao Desporto Universitário.

(**) Os valores referentes a 2011 foram calculados com base em estimativas, visto que ainda não houve o fechamento contábil do mês de dezembro de 2011.

Afora o montante auferido por meio da Lei Agnelo/Piva, o COB ainda conta com outras fontes para obtenção de receitas, que chegam via patrocínios, Lei de Incentivo Fiscal, convênios e o programa Solidariedade Olímpica. Este último, gerido pelo Comitê Olímpico Internacional, viabiliza inúmeros projetos de desenvolvimento esportivo, que se estendem desde o aperfeiçoamento de atletas e técnicos até o fortalecimento das estruturas de administração dos Comitês Olímpicos de cada país.

Os recursos recebidos pelo COB, por intermédio da Lei Agnelo/Piva, passam por etapas e processos que envolvem prestação de contas da aplicação das verbas, que são fiscalizadas regularmente pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e pela Controladoria Geral da União (CGU). O COB também possibilita ao TCU e ao Ministério do Esporte o acompanhamento de todas as etapas da prestação de contas de forma constante, de acordo com normas estabelecidas pelo próprio TCU. Além disso, uma auditoria independente é realizada uma vez ao ano por empresas líderes do segmento.

Maurren Maggi
celebra o Brasil
com vitória em
Pequim 2008.





O Comitê Olímpico Brasileiro apoia jovens atletas, visando à formação da nova geração de campeões.

Os esforços na direção da transparência administrativa e da gestão eficiente são crescentes e, em intensidade e foco, guardam grande semelhança com o empenho que é visto nos processos de formação de atletas e preparação de competidores de alto rendimento. Nos bastidores ou na linha de frente, hoje o time é um só e está perfeitamente alinhado com a meta de transformação por meio do esporte e disseminação de oportunidades em todas as modalidades – das mais populares até as menos conhecidas no país.

O COB tem sido hábil na condução estratégica deste momento, podendo somar o rigor gerencial e a energia dos novos talentos à paixão e à disciplina inspiradora dos veteranos – entre eles Emanuel, do vôlei de praia; Maurren Maggi, do atletismo; e Bernardinho, ex-jogador de vôlei, atual técnico da seleção brasileira de vôlei masculino. Há rigor em cada passo e uma sensação compartilhada por esportistas e administradores que se relaciona diretamente com a responsabilidade e o prazer de participar dos novos tempos do esporte no Brasil.

*Todo o
Time Brasil
com a mão
na massa.*



REALIZAÇÃO

Comitê Olímpico Brasileiro
Departamento Cultural/Publicações

PRESIDENTE

Carlos Arthur Nuzman

DIRETORA CULTURAL

Christiane Paquelet

COORDENADORA DE PUBLICAÇÕES

Carolina Araujo

ANALISTA DE PUBLICAÇÕES

Pedro Gonzaga

COORDENAÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA

Casa da Palavra

REDAÇÃO

Silvia Vieira

PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA

Cristiane de Andrade Reis

COPIDESQUE

Liciane Corrêa

PROJETO GRÁFICO

Dupla Design

FOTOGRAFIAS

Satiro Sodré – Divulgação CBDA (*Capa*)

Alaor Filho/Acervo COB
(*P.29 – superior; 35*)

Bruno Veiga/Acervo COB (*P.6 e 7; 14; 16 e 17; 19; 21; 30 e 31; 36;
40 e 41; 44 e 45; 46 e 47; 52; 55; 56; 58; 60 e 61; 67; 76*)

Chris McGrath/Getty Images/COB (*P.33*)

Gaspar Nóbrega/Inovafoto/COB (*P.8; 57*)

Heuler Andrey/Getty Images Latam/COB (*P.63; 64; 65 – superior*)

Paulo Paixão/Dupla Design (*P.65 – inferior*)

Rafael Reichert/Acervo COB (*P.51*)

Wagner Carmo/Inovafoto/COB (*P.11; 73*)

Wander Roberto/Acervo COB (*P.2; 15; 27; 42; 53; 54; 74; 75*)

Wander Roberto/Inovafoto/COB (*P.12*)

Washington Alves/Acervo COB (*P.24;25; 29 – inferior; 59*)

Washington Alves/Inovafoto/COB (*P.10*)

IMPRESSÃO

Stilgraf



CAPA PRODUZIDA EM PET RECICLADO

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO
AVENIDA DAS AMÉRICAS, 899
RIO DE JANEIRO, RJ | 22631-000
(21) 3433-5777
COB.ORG.BR

Imagine o que o apoio e a tecnologia fazem na trajetória de uma bola.



Imagine o que o planejamento e o investimento fazem na altura de um salto.





Imagine o que a infraestrutura é capaz de fazer para a força e a precisão de uma cortada.

Torcer é, antes de tudo, sonhar. Para transformar sonhos em realidade, buscamos a excelência por meio do planejamento. Investimos, cada vez mais, em conhecimento, tecnologia e infraestrutura. Isto é o Time Brasil: a união de esforços pelo desenvolvimento do Esporte Olímpico Brasileiro. O Time Brasil tem projetos para os Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011, para os Jogos Olímpicos Londres 2012 e, claro, para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Mais que isso, o Time Brasil tem projetos que transformarão em realidade os sonhos olímpicos de nossos atletas.

timebrasil.com.br



